

## 6 - COMPETIÇÃO: SOU A/O MAIS FIXE OU NÃO SOU?

O importante aspeto da culpabilidade dos pais é geralmente agravado quando os pais se separam. Mas com culpabilidade ou não, e apesar de parecer infantil, vêem-se alguns pais separados que continuam a competir entre si no sentido de ver de quem é que o filho mais gosta. Cada um deles tenta agradar ao máximo ao filho não só para se sentir apreciado por ele e valorizado enquanto pai, como para se sentir também mais desejado pelo filho do que o ex-cônjuge. Há uma competição camuflada e raramente admitida para ver qual o melhor pai, sendo que isso implica satisfazer ao máximo o filho e fazer dele o júri! Assim, quaisquer impeditivos, limites ou castigos que seensem colocar ao filho, tendem a ficar de imediato postos de lado em prol de ter o filho satisfeito e, por consequência, de um pai triunfar sobre o outro.

— — — | — — —

Elencadas as 6 razões que lançam compreensão sobre o porquê de os pais terem dificuldade em introduzir a autoridade com os filhos, recordamos que o que deve balizar a atitude dos pais é o equilíbrio da autoridade. Basicamente, nem devem deixar fazer/ter tudo, nem devem proibir de fazer/ter tudo. A balança deve estar equilibrada, pois na vida as agruras costumam provir dos excessos.



243 660 097 / 934 010 534



cafapcoruche@caritascoruche.pt



Largo de Valadares, 1 - 2100-112 Coruche



*Sílvia Caraça (Assistente Social/Coordenadora)*  
*Gonçalo Coelho Arromba (Psicólogo Clínico)*  
*Ana Miriam Barradas (Psicóloga Clínica)*



INOVA CÁRITAS CORUCHE

WWW.CARITASCORUCHE.PT

APOIO NA REPRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO



# cafap

CENTRO DE APOIO FAMILIAR E  
ACONSELHAMENTO PARENTAL

## DIZER “NÃO”: A DIFICULDADE DOS PAIS



## PARTE 2

PRÓXIMO TEMA:  
*IDADES DA CRIANÇA*

86 COLEÇÃO  
FAMÍLIA  
MAIO - JUNHO 2017

### (CONTINUAÇÃO...) 3 - PRÍNCÍPIO DA AJUDA EXTERNA: ELE UM DIA HÁ-DE PERCEBER O QUE PODE E NÃO PODE FAZER

Existem também pais que não se preocupam em estabelecer grandes regras nem em ser muito rigorosos porque acreditam que com o tempo o filho vai aprender a comportar-se, saber respeitar os outros e perceber que não pode fazer só aquilo que quer.

Isto parece assentar numa ideia pós-moderna, predominantemente inconsciente, de despersonalização do processo de formação do ser, isto é, uma pré-concepção de que uma criança se tornará um adulto saudável sem ser necessária intervenção significativa dos pais. Os pais acreditam que há algo fora deles que irá criando e educando os filhos ao longo do crescimento, ou que até o filho apenas por si próprio o conseguirá. Esta crença parece bem razoável se atendermos ao fato de atualmente existirem múltiplos serviços, profissionais, programas e estratégias voltadas para a criança e para a sua formação (psicólogos, terapeutas da fala, escola, programas de atividades de tempos livres, brinquedos e jogos que prometem torná-los pessoas adultas, maduras e saudáveis, etc.).

Pensamos que esta crença, mais ou menos inconsciente, tranquiliza os pais nos momentos em que não estão tão disponíveis para os filhos, mas por outro lado, também dá origem a faltas de esforço e de comprometimento na educação.

### 4 - DEPENDÊNCIA DOS FILHOS: NÃO DEIXES DE GOSTAR DE MIM!

Outra das grandes razões para os pais não conseguirem usar a autoridade sobre os filhos e dizer que “não”, relaciona-se com o receio de perderem o amor dos filhos.

Da perspetiva do prazer e da felicidade absoluta que

tanto se apregoa hoje, quase equivalendo a um direito universal, dizer um “não” é como que uma frustração ao filho, e é automaticamente criar a fantasia de que ele possa ficar chateado com a mãe e dizer-lhe “já não gosto de ti, és má!”. Para uma mãe (ou pai) que se sinta insegura ou desamparada, que viva em frustração afetiva, não é suportável sequer a possibilidade de ouvir um filho dizer isto. Como tal, tudo o que seja agradar ao filho é a garantia de que ele continuará a querer estar e a gostar dela.

Dentro destes pais com dificuldade em dizer “não” encontramos também alguns que admitem gostar que os filhos fossem para sempre pequenos. Se dependesse deles, os filhos não cresceriam mais do que até à adolescência. Está claro que inconscientemente, em muitos casos, esse desejo ancora-se mais no desamparo e na frustração afetiva da mãe (ou do pai). São mães (e pais) cujo equilíbrio emocional se fixa ao amor que o filho lhe transmite e que as leva a promover a dependência do filho, sendo difícil de aceitar o seu crescimento e autonomia.

A necessidade de agradar/não frustrar o filho é tanto maior quanto menor for a satisfação afetiva da mãe (ou pai), por isso estes casos são muitas vezes decorrentes de relações conjugais insatisfatórias, para não falar de uma infância de amor insuficiente. Muitas vezes querem fazer-se ideais para o filho, como que adorando a ideia de ser ele quem lhes pode dar satisfação na vida. Ser idealizada pelo filho é para a mãe a garantia de fidelidade/companhia/amor do filho pela vida fora. Nestes casos, não é raro os filhos dormirem na cama dos pais até uma idade tardia.

### 5 - CULPA: DESCULPA FILHO, NÃO MERECE MAIS FRUSTRAÇÕES!

Querer os filhos pequenos pode ser um sintoma e um desfecho de toda uma prática parental que pode ter ori-

gem na dependência e na frustração afetiva dos pais ou, por outro lado, na culpabilidade destes.

É cada vez mais comum assistirmos a crianças já de idade escolar (por vezes até adolescentes) que ainda têm a mãe/pai a cortar-lhes a comida às refeições, a dar-lhes banho, a vesti-las, a fazer-lhes várias funções que classicamente as crianças já deveriam saber fazer sozinhas, mas que hoje os pais não abdicam porque não as querem ver insatisfeitas ou com dificuldades. É sem dúvida uma atitude nobre destes pais e demonstradora do amor que têm pelo filho.

No entanto, por trás desta atitude parental de evitar frustrar, de não dizer “não” e sempre querer ver o filho satisfeito, reside sem dúvida um amor mas que é um “amor culpado”. É o amor que resulta da mãe e do pai que sentem que no passado, em algum momento vivido com o filho, lhe faltaram ou lhe provocaram mal-estar. Situações de conflito conjugal e de divórcio são dos acontecimentos mais comuns. Este amor caracteriza-se assim por ser compensatório (do mal causado) e por ser excessivo.

São pais que vivem com a sensação, por vezes não consciente, de que têm que reparar ou remendar o mal ou a falta infligida ao filho. Mas, já diz o povo que “há males que vêm por bem e bens que por mal vêm”, por ser em excesso pode trazer as suas consequências negativas junto dos filhos (deixá-lo dependente, incapaz, inadaptado, isto apesar de provavelmente satisfeito com o que vive no presente com a mãe e o pai). Quem tudo lhe quer fazer, tudo lhe impossibilita de saber fazer. No entanto, são pais que ficam tão felizes quanto aliviados quando vêem os filhos a alcançar a independência e a maturidade com sucesso (por exemplo, ao constituírem a própria família).